

Pluralidade em tempo de cristianização: a concepção das identidades cristãs no Norte da África (200-450 d.C.)

*Plurality in the time of Christianization: the conception of
Christian identities in North Africa (200-450 AD)*

REBILLARD, É. *Christians and their many identities in Late Antiquity, North Africa, 200-450 CE*. London: Cornell University Press, 2017. 144 p.

Ludimila Caliman Campos*

Recebido em: 29/09/2017
Aprovado em: 13/11/2017

O presente texto tem por objetivo apresentar ao público a obra *Christians and their many identities in Late Antiquity, North Africa, 200-450 CE*, de Eric Rebillard, um destacado especialista em religiosidades na Antiguidade Tardia.¹ Nas duas últimas décadas, Éric Rebillard produziu, a partir de pesquisas em fontes arqueológicas, alguns dos mais influentes estudos sobre a cultura funerária na Antiguidade Tardia, com destaque para as seguintes obras: *In hora mortis: évolution de la pastorale chrétienne de la mort aux IVe et Ve siècles dans l'Occident latin* (1994) e *The care of the dead in Late Antiquity* (2009).

Sobre o livro em questão, observamos que Rebillard se debruça sobre a problemática da identidade cristã. O pesquisador se preocupa em descobrir o que significava ser cristão no norte da África durante a Antiguidade Tardia. Com base em alguns escritos de Tertuliano, nas obras de Cipriano de Cartago e em alguns sermões de Agostinho, Rebillard afirma que a forma binária bruta "cristão" e "não cristão" não se sustenta quando se analisa a identidade parte dos praticantes da fé cristã no contexto norte-africano. Por conta da

* Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atualmente é professora titular da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli) e professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação (SEDU).

¹ Eric Rebillard é professor e pesquisador do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Cornell, Nova Iorque.

constante interação com pagãos e judeus, os cristãos viviam uma religiosidade muito fluida, de aspectos deveras complexos, o que lhes garantia expressar múltiplas identidades.

A partir do conceito de *pluralidade interna*, cunhado por Bernard Lahire, na obra *The plural actor* (2011), o autor dispõe da documentação, que abrange um arco temporal que começa no século II e se estende até o século V, para investigar como os cristãos concebiam suas próprias identidades.² No primeiro capítulo, Rebillard se dedica a examinar os parâmetros da identidade cristã em Tertuliano, no contexto de Cartago, com destaque para os tratados *De spectaculis*, *De cultu feminarum* e *De idolatria*. A análise do autor é centrada nos problemas associados à vida cristã numa sociedade dominada por práticas pagãs. Rebillard observa que há poucas evidências da natureza do catecumenato nesse período, bem como a ausência de fontes que indiquem a prática de expulsão de infiéis da *ekklesia*. Tertuliano, por sua vez, se dedicou a definir o que ele considerava serem os marcadores externos da adesão à fé cristã, a saber: a aparência física, a indumentária, a alimentação, as ocupações e a participação em espetáculos públicos. A ideia de Tertuliano era a de que aparentar ser pagão atrapalhava a formação da identidade cristã, que ainda estava em vias de construção. Entretanto, para o cristão regular, ser cristão era somente uma das muitas filiações que envolviam as relações cotidianas. Por isso, o pesquisador desconstrói a ideia de que os agrupamentos cristãos nesse período eram estáveis, consistentes e coesos.

No segundo capítulo, Rebillard lança mão de algumas evidências fornecidas por Tertuliano e Cipriano de Cartago para compreender como os grupos cristãos se manifestavam quando alguns fiéis eram alvos de perseguição. Enquanto os tratados de Tertuliano dão a impressão de que os líderes cristãos promoveram uma resposta comunal às perseguições intermitentes do início do século III, encorajando os fiéis a visitar os cristãos presos e a oferecer apoio moral, as evidências de meados do século contam uma história um pouco diferente. O pesquisador defende que o edito de Décio, no qual se exigiu que todos os cidadãos romanos oferecessem sacrifícios aos deuses do Império para a restauração da ordem e da segurança, não foi criado exclusiva e principalmente para perseguir as comunidades cristãs. Além disso, Rebillard afirma que a maior parte dos cristãos cumpriu o rito imperial livre e voluntariamente, porque não consideraram o sacrifício contrário às suas crenças. Somente um pequeno grupo de cristãos ignorou o edito, sofreu o exílio e, em alguns casos, o martírio.

No terceiro e último capítulo, o autor nos leva até o século V, a fim de revelar o que era ser cristão na era de Agostinho. O fato surpreendente nesse capítulo é a constatação

² Bernard Lahire (2011) afirma que os agentes sociais são formados por uma pluralidade de identidades individuais e coletivas. Por conta disso, ainda que o indivíduo compartilhe de identidades semelhantes e pertença aos mesmos grupos sociais que outros, este não é formado por uma “peça” igual a de quem quer que seja, uma vez que os “encaixes” sociais são variados.

de que não aconteceu uma cristianização da vida pública durante o período que vai da conversão de Constantino até a proibição de celebrações públicas associadas aos cultos tradicionais greco-romanos por Teodósio. Isso ficou bastante evidente nos discursos de Agostinho, que também teve que lidar com algumas das mesmas questões acerca da "pluralidade interna" levantadas por Tertuliano e Cipriano em séculos anteriores. Agostinho, por sua vez, ficava particularmente incomodado com a grande variedade de situações em que os cristãos reputavam a identidade cristã como irrelevante. O bispo de Hipona não questionava as identidades dos fiéis em si, mas as suas múltiplas obrigações político-sociais, com destaque para os laços familiares e clientelísticos. Pelo fato de serem fortes concorrentes da *ekklesia* e, muitas vezes, sobrepujarem a identidade cristã, a multiplicidade identitária fomentava muitos conflitos entre bispos e fiéis. Rebillard conclui o capítulo fazendo uma breve consideração sobre as estratégias de Agostinho para estabelecer uma maior coesão identitária em sua congregação.

Embora apresente um texto com um estilo lacônico e, em alguns momentos, até mesmo clínico, a obra de Eric Rebillard é um estimulante trabalho da história revisionista. Em particular, a noção de pluralidade individual quebra a percepção da suposta potência da formação identitária cristã na sociedade tardo-antiga. Tal visão foi, por muito tempo, inquestionável e pedra angular para muitos estudos, inclusive para o clássico de *The end of ancient Christianity* (1990), de Robert Markus. Além disso, a tese de Rebillard levanta questões importantes acerca de como podemos medir o progresso da "cristianização" nesse período e até mesmo questionar a aplicabilidade do termo. O livro *Christians and their many identities in Late Antiquity, North Africa, 200-450 CE* se destaca ainda por trazer resultados frutíferos para a discussão, por meio de um arcabouço teórico que articula alguns conceitos advindos da Sociologia à análise do contexto norte-africano, sem engessar o exame das fontes.

Referências

- LAHIRE, B. *The plural actor*. Cambridge: Polity Press, 2011.
- MARKUS, R. *The end of ancient Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- REBILLARD, É. *In hora mortis: évolution de la pastorale chrétienne de la mort aux IVe et Ve siècles dans l'Occident latin*. Rome: École française de Rome, 1994.
- _____. *The care of the dead in Late Antiquity*. London: Cornell University Press, 2009.